

A PULSÃO ANARQUISTA E A RESISTÊNCIA DIANTE DA MORTE E DA MASSIFICAÇÃO

The Anarchist Drive and Resistance to Death and Massification

La Pulsión Anarquista y la Resistencia Ante la Muerte y la Masificación

La Pulsion Anarchiste et la Résistance Face à la Mort et à la Massification

DOI: 10.5020/23590777.16.3.84-96

José Henrique Parra Palumbo (Lattes)

Mestre em Sciences humaines et sociales, menção Psicologia, na linha de pesquisa “Psicanálise e campo social” pela Université Paris Diderot. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental na Universidade de São Paulo.

Paulo Emílio Pessoa Lustosa Cabral (Lattes)

Mestre em Psicologia do Programa em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (IPUSP). Participa do laboratório LAPSI - Laboratório de Psicanálise e Análise do Discurso - e do Laboratório PSIA - Laboratório de Pesquisa e Intervenções Psicanalíticas.

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão em torno do conceito de pulsão anarquista cunhado por Nathalie Zaltzman em texto homônimo durante 1979; conceito que articula certa manifestação específica da pulsão de morte: servir à vida como último recurso para a sobrevivência. Seu objetivo principal é tratar desse último recurso que emerge quando o indivíduo está diante de experiências de precariedade aguda. Assim, o estudo de um caso é o pano de fundo da reflexão de Zaltzman em torno dessas situações chamadas de experiências limite, nas quais as garantias de sobrevivência e de unidade são arruinadas, isto é, quando os excessos de privação ou de um amor totalitário e paralisante ameaçam a sobrevivência do indivíduo. Por conta disso, o ímpeto libertário do anarquismo torna-se a figura para essa pulsão de morte, já que, nessas situações, é dele que se alimenta o sujeito para sobreviver. Com essa construção teórica é possível verificar a necessidade de reconhecer o papel da pulsão de morte sem a moralização de suas exigências.

Palavras-chave: psicanálise; pulsão de morte; anarquismo.

Abstract

This article proposes a reflection on the concept of the anarchist drive coined by Nathalie Zaltzman in the homonymous text during 1979; concept that articulates a specific manifestation of the death drive: to serve life as a last resort for survival. Its main objective is to deal with this last resource that emerges when the individual is faced with experiences of acute precariousness. Thus, the study of a case is the background of Zaltzman's reflection around these situations called boundary experiences, in which the guarantees of survival and unity are ruined. That is when the excesses of deprivation or a totalitarian and paralyzing love threaten the survival of the individual. Because of this, the libertarian impulse of anarchism becomes the figure for this death instinct, since, in these situations, it is from him that the subject feeds to survive. With this theoretical construction, it is possible to verify the need to recognize the role of the death drive without the moralization of its requirements.

Keywords: psychoanalysis; death drive; anarchism.

Resumen

Este trabajo propone una reflexión en vuelta del concepto de pulsión anarquista acuñada por Nathalie Zaltzman en textos homónimos a lo largo de 1979; concepto que articula cierta manifestación específica de la pulsión de muerte: servir a la vida como último recurso para la supervivencia. Su objetivo principal es tratar de este último recurso que emerge cuando el individuo está ante experiencias de precariedad aguda. De esta forma, el contenido de un caso es el telón de fondo de la reflexión de Zaltzman y vuelta de estas situaciones llamadas de experiencias límite, las cuales las garantías de supervivencia y de unidad son destruidas. Es decir, cuando los excesos de privación o de un amor totalitario y paralizante amenazan la supervivencia del individuo. Por este motivo, el ímpetu libertario del anarquismo se torna la figura para esta pulsión de muerte, ya que, en estas situaciones, es de él que se alimenta el sujeto para sobrevivir. Con esta construcción teórica es posible verificar la necesidad de reconocer la función de la pulsión de muerte sin la moralización de sus exigencias.

Palabras clave: psicoanálisis; pulsión de muerte; anarquismo.

Résumé

Cet article propose une réflexion autour du concept de pulsion anarchiste inventé par Nathalie Zaltzman dans un texte éponyme en 1979 ; ce concept articule une manifestation spécifique de la pulsion de mort : servir la vie comme dernier recours pour la survie. Son principal objectif est de traiter cette dernière caractéristique qui apparaît quand l'individu est confronté à des expériences de précarité aiguë. Ainsi, l'étude d'un cas est l'arrière plan de la réflexion de Zaltzman autour de ces expériences appelées expériences-limite, dans lesquelles les garanties de survie et d'unité sont ruinées. C'est-à-dire, quand les excès de privation ou d'un amour totalitaire et paralysant menacent la survie de l'individu. En raison de cela, l'élan libertaire de l'anarchisme devient la figure pour cette pulsion de mort, puisque, dans ces situations, c'est de cet élan qui se nourrit le sujet pour survivre. Avec cette construction théorique, il est possible de vérifier la nécessité de reconnaître le rôle de la pulsion de mort sans la moralisation de ses exigences.

Mots-clés: psychanalyse; pulsion de mort; anarchisme.

O que assinala a marca de Tântos é a compulsão afetiva que induz ou acompanha o gosto da mudança, da errância, da marginalidade; é o valor da luta que estas mudanças possuem contra organizações de vida aprisionantes. (Zaltzman, 2011, p.33)

Este artigo visa propiciar uma revisão teórica de uma noção particular sobre os destinos e os trabalhos psíquicos realizados pela pulsão¹ de morte, noção presente no texto de Nathalie Zaltzman (2011)²³, *La pulsion anarchiste*. Será necessário destacar o debate clínico e teórico a respeito da importância desse conceito, uma vez que é esse debate que constrói a noção de pulsão anarquista. Seu objetivo principal é gerar uma reflexão concernente à resistência do indivíduo frente a certas situações mortíferas, tanto aquelas em que a morte se apresenta como certa quanto aquelas em que é esquecida pelos imperativos de um amor totalitário.

A obra de Zaltzman pode ser lida como uma espécie de revitalização do debate em torno das relações entre o entendimento psicanalítico do funcionamento psíquico e as noções históricas de certo anarquismo (Beetschen, 2011; Guarnieri, 2011). Um levantamento histórico do assunto revela que aproximações deste gênero foram iniciadas já desde o início do século XX, capitaneadas pelo psicanalista e revolucionário Otto Gross (1877-1920), o primeiro psicanalista que se tem notícia que propôs uma articulação entre a psicanálise e o campo político, uma geração antes de Wilhelm Reich e quarenta anos antes de Herbert Marcuse (Heuer, 2001). Bastante influente no seu tempo, na psicanálise e em outros campos, Gross afirma que o sofrimento individual não poderia ser contemplado de maneira solipsista, sendo que a repressão da sociedade patriarcal, ao qual endereçava as suas críticas, gerava efeitos potencialmente patológicos nos indivíduos (Gross, 1919). Ele sustentava também a ideia de uma clínica não balizada pela polarização paciente/analista, tendo inclusive criado juntamente com Jung, quando de sua internação com o médico suíço em 1908, na clínica de Burghölzli, uma espécie de primeira “análise mútua” (Heuer, 2001).

1 Para fins deste trabalho, iremos adotar a utilização mais comum, inclusive na tradição brasileira da psicanálise, e chamaremos a palavra alemã “*Trieb*” de “pulsão”, e não de “instinto”, tal como foi traduzida em algumas das obras aqui selecionadas. Remetemos o leitor para o livro *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*, de Paulo César Souza (2010), assim como para o *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* (Hanns, 1996) e *A teoria pulsional na clínica de Freud* (Hanns, 1999). Neles poderá ser encontrada uma discussão pormenorizada das dificuldades e escolhas de tradução.

2 Daqui em diante “A pulsão anarquista” (Zaltzman, 2011).

3 Todas as citações dos textos de referência em língua estrangeira foram traduzidas por nós.

Além de Gross, diversos anarquistas e simpatizantes se nutriram das ideias psicanalistas, com notável predileção pela crítica à moral sexual. A apropriação de certas postulações psicanalíticas, realizadas por Otto Gross, Emma Goldman e outros anarquistas (Cohn, 2010; Herman, 1992), desenvolve-se, de maneira geral, justamente na reflexão acerca dos efeitos nocivos da repressão à sexualidade e à feminilidade inflexionada pela sociedade patriarcal. Apesar desse interesse, os psicanalistas não costumam observar o anarquismo e as teorias anarquistas com entusiasmo, adotando uma postura de denunciar os comportamentos de tais revolucionários por intermédio de uma aplicação selvagem da teoria psicanalítica (Herman, 1992), ou simplesmente se abstendo ou até mesmo ignorando esse debate (Heuer, 2001). O próprio Freud (1933/1996d), em As novas conferências introdutórias à psicanálise, critica uma visão de mundo (*Weltanschauung*) denominada por ele como niilista, e que é uma espécie de “contrapartida” ou mesmo “emanação” do anarquismo político (Freud, 1933/1996d, p. 346). Apesar de dizer que não possui “capacidade” para tratar sobre o assunto, Freud (1933/1996d, p. 347) situa a doutrina anarquista como partidária de uma visão de mundo que pretende abolir a categoria de verdade, instaurando um relativismo moral, científico e filosófico, totalmente inoperante do ponto de vista prático e da realidade material.

Entendemos que a pluralidade de noções que podem ser atribuídas ao termo anarquismo pedem por uma certa cautela na sua aproximação com a psicanálise. Iremos tratar de uma faceta específica do anarquismo, cujo significado se constrói como a resistência da subjetividade frente a experiências totalitárias. Um anarquismo que pode ser entendido como certa capacidade dos indivíduos em se rebelarem contra formas totalitárias que acompanham o imperativo societário ou demandas de amor, mas que aparecem com mais nitidez nas experiências-limite. Uma experiência marcada pela urgência e pelo desmanche das garantias de permanência e unidade.

De acordo com o modelo de Freud (1921/1996b), a relação objetal ou erótica com um ideal ou objeto externo comum une os indivíduos à medida que seus “Eus” se identificam entre si, em um processo no qual seus ideais – peça fundamental na formação do Eu – são capturados por um ideal externo e comum ao coletivo. Assim, as relações sociais ou grupais dependeriam, dentre outras coisas, das forças eróticas presentes na realidade psíquica e atuariam também como fonte da construção dos ideais e, logo, do processo de identificação e configuração do Eu. Mas é em *O mal-estar na civilização* que Freud (1930/1996c) pensará no par indissociável indivíduo-sociedade a partir do conflito entre Eros e as pulsões de morte. A renúncia às pulsões, à coisa sexual, causa e também imposição da civilização, em nome de um bem maior e comum aos sujeitos, deixaria a eles somente a possibilidade de satisfazerem com substitutos, sob pena de serem excluídos dela.

Assim, surge uma questão: como podem os indivíduos viverem quando “a organização de massa expulsou de suas metas comuns a preocupação da [sua] conservação material e moral” (Zaltzman, 1999b, p. 15)? Em um contexto de massas, ou de um amor totalitário, em que a pulsão de morte e suas possíveis representações conscientes são denegadas e expulsas na forma da violência, não haveria o clínico de atentar para justamente aquilo que é excluído, e a conseqüente reação frente à essa exclusão ou denegação? Nesse contexto, que iremos chamar de experiências-limite, acredita-se que é justamente a pulsão de morte quem serve de agulhão para resistir à destruição. Será ela a responsável por instaurar a luta pela sobrevivência quando as garantias mínimas se desmancharam por terra, quando desmandos totalitários ameaçam tanto as vidas individuais quanto, paradoxalmente, até mesmo a continuidade da própria coletividade. É por essa razão que escolhemos revisar a construção do conceito de pulsão anarquista como fio condutor de nosso argumento.

Então, acompanharemos a obra de Zaltzman que, de maneira geral, questiona e faz a psicanálise retomar criticamente conceitos e categorias já bem estabelecidos. Neste sentido, a pulsão anarquista, menos do que incitar uma renovação da metapsicologia da pulsão, levantaria um novo olhar sobre as atividades da pulsão de morte (Beetschen, 2011; Chabert, 2011; Tysebaert, 2011) e recuperaria noções desprezadas pela literatura psicanalítica, como a de necessidade (Scarfone, 2011).

Indo e voltando ao próprio texto *A pulsão anarquista* (Zaltzman, 2011) e nos con-textos que ele aponta aos seus leitores, nos detemos sobre a dupla crítica de Zaltzman centrada no conceito de pulsão de morte e endereçada à falta de escuta, por parte de alguns analistas, frente às silenciosas inscrições da pulsão de morte na vida inconsciente e à conseqüente falta de elaboração teórica acerca do envolvimento de tais forças pulsionais na luta pela vida.

Para tal empreitada, vale dizer, procuramos não reduzir as complexas relações entre a psicanálise e o campo político e social, contentando-nos em seguir as fronteiras já trilhadas pela reflexão psicanalítica quando suas concepções metapsicológicas se desviam do domínio da clínica (Assoun, 2012). Logo, embora nossa discussão vá em direção a certos fenômenos sociais e/ou culturais ligados à problemática aqui apresentada, em nenhum momento procurou-se aplicar o conceito de anarquismo à psicanálise nem sintetizar dois campos e duas tradições distintas. No entanto, o texto conduz a discussão para um universo de locução onde a iniciativa pretende-se dialógica e plural evitando assim igualar ou sobrepor domínios heterogêneos e com objetivos não necessariamente congruentes. Afinal, além da própria Zaltzman (2011) já realizar tal diálogo em seu texto, são os campos de saber e o próprio debate entre eles que perdem potência crítica quando deixam de se aventurar em um diálogo dessa natureza.

Dessa maneira, se o conhecimento psicanalítico interessa a outros campos do conhecimento, como a sociologia e a antropologia, e se interessa por eles, é porque a própria inteligibilidade dos fenômenos concernentes ao humano e ao

homem depende da troca mútua de aquisições parciais de cada campo envolvido na exploração destes fenômenos (Assoun, 2007; Freud, 1913/1996a; Freud, 1933/1996d). Logo, não faremos mais do que indicar, por meio de uma revisão crítica das concepções presentes em A pulsão anarquista (Zaltzman, 2011), as correspondências dos efeitos dialéticos de uma dimensão sobre a outra, ou seja, de certa realidade psíquica influenciada de forma específica pela pulsão de morte, quando situada em determinada realidade social na qual a sobrevivência dos indivíduos está em jogo.

Para cumprir com este programa, em primeiro lugar, exploraremos o contexto clínico do qual parte as investigações de Zaltzman. Em seguida, apresentaremos de forma resumida o raciocínio metapsicológico que subjaz ao argumento da autora sobre as atividades da dita pulsão de morte. E por fim, os correlatos externos da cena psíquica embebida por esta moção pulsional serão perseguidos com a intenção de trazer à tona o tema da relação de resistência que pode existir entre indivíduo e o coletivo no contexto de um vínculo erótico asfixiante.

Uma Escuta Clínica para “Além do Princípio de Prazer”

Nathalie Zaltzman (1933-2009), psicanalista, filha de judeus russos, sobreviveu ao nazismo fugindo para o sul da França com sua família. Trabalhando como intérprete na Unesco, estuda psicologia e se junta ao movimento psicanalítico após a cisão da *Société de Psychanalyse de Paris* (SPP) no ano de 1953. Junto de Piera Aulagnier e François Perrier, cria, durante 1969, a *Organisation Psychanalytique de Langue Française* (OPLF), conhecida como Quarto Grupo, rompendo então com a École Freudienne de Paris, criada em 64 por Lacan, por conta da questão do passe. Nessa nova conjuntura político-institucional, atua como membro do corpo editorial da *Topique* ao lado de Jean-Paul Valabrega.

Sempre ativa na publicação de artigos nessa revista até o ano de 2008, traduzindo textos e escrevendo para obras coletivas, publica também na coleção *penser/rever* o livro *L'esprit du mal* (Zaltzman, 2007a) e organiza uma obra, *La résistance de l'humain* (Zaltzman, 1999a), onde reúne diversos de seus artigos. Assim, Zaltzman, depois de ter praticado a psicanálise por mais de dois terços de sua vida, deixa uma obra rica e um debate mais do que vivo sobre o entendimento de questões centrais para a psicanálise, como a relação do homem com a Cultura, o trabalho do psicanalista e os efeitos psíquicos das experiências diversas do totalitarismo que marcaram o globo durante o século XX. Nessa jornada ela traz à tona uma densa reflexão sobre a pulsão de morte, reafirmando “uma psique cada vez mais marcada, em sua constituição, pela presença do ‘coletivo no individual’” (Guarnieri, 2011, p.159, grifo da autora).

Nesse sentido, o texto A pulsão anarquista é um marco inaugural no trabalho da autora de toda uma série de “observações e reflexões sobre a atividade da pulsão de morte na vida psíquica” (Zaltzman, 2011, p.22). Nesse texto, ela desenvolve uma elaboração metapsicológica da pulsão de morte, apresentando um destino ou função dessa pulsão não mortíferos, criticando, dessa maneira, a noção mais frequentemente atribuída à complexa rede de significados da pulsão de morte. Seu argumento constrói-se por uma trama de fragmentos clínicos e de estudos antropológicos e sociais que se tecem, por sua vez, ao redor e a partir de um caso de uma mulher de meia-idade nomeada de Sophie. As experiências relatadas pelos sobreviventes dos campos de concentração do Terceiro Reich, a vida e morte dos esquimós de Thulé, e a paixão anarquista são então as veredas externas ao consultório e ao atendimento particular; todos eles se articulando diretamente com a vivência da chamada experiência limite (Blanchot, 1969), como veremos a seguir.

Publicado pela primeira vez na revista *Topique* em forma de artigo, o texto será editado dezenove anos depois, no ano de 1998, no livro *De la guérison psychanalytique* (Zaltzman, 1999b). Para ela, a experiência analítica deve ser endereçada ao núcleo conflituoso da realidade psíquica e como tal, não poderia deixar de dar conta da participação de Tântatos tanto na produção da patologia quanto em sua cura. Portanto, a sua inspiração para a elaboração teórica e para o diálogo com a cultura parte da escuta clínica e da sua atenção para a esfera tanática da pulsão. O caso clínico referência para as especulações acerca da pulsão de morte é a história de Sophie, que vive a angústia da iminência de um rompimento com seu filho amado e superestimado, provocado pela possibilidade da morte dele.

Sophie é a filha única de um pai boêmio e distante, casado apenas no plano civil e aos olhos da sociedade, e de uma mãe solitária e muito devotada à criação da filha. Serena, racional, desenvolveu-se como o oposto da mãe, mais ativa e mais amante. Casou-se com um homem que, ao contrário do pai, não escondia seu passado judeu e era extremamente dado ao convívio familiar. Foi dentro deste relacionamento que nasceu David, o primeiro filho homem dentre outros filhos. Amado de forma destacada, este filho ocupava na realidade psíquica de Sophie a posição de objeto fálico, e significava para ela “a fixação-à-vida” (Zaltzman, 2011, p.20).

Graças a uma primeira análise realizada anos antes do tratamento feito com Zaltzman, análise responsável por mudanças subjetivas importantes na vida de Sophie, a paciente conseguia mais ou menos ter acesso a esse e a outros conteúdos de suas fantasias inconscientes. Em outras palavras, Sophie era uma pessoa analisada. O problema, segundo Zaltzman, era que a outra função que David ocupava em sua constelação inconsciente, função para além da esfera libidinal, foi ignorada ou não pôde ser escutada em sua análise anterior. Seu filho cumpria para ela também a função de objeto de necessidade (*besoin*), e não apenas a de objeto fálico.

Segundo Aulagnier (1985), embora essa função já apareça misturada à função erótica de todo e qualquer objeto, tal função anerótica – em oposição à do objeto libidinal – revelaria, de acordo com Zaltzman, a crueza de um objeto “fora de toda significação [...] cuja materialidade nua mantém a morte à distância” (Zaltzman, 2011, p.21). Levando em consideração que para a psicanálise a objetualização do mundo no psiquismo obedece à lógica do desejo, do sexual, a postulação de uma função objetual que escapa do circuito erótico é a primeira vista algo estranho. O que Zaltzman tenta colocar em relevo é justamente algo dessa relação que escapa à lógica do vínculo erótico e que não se reduz, tampouco ou simplesmente, ao biológico. Como recordará a autora a este respeito três décadas depois, em um artigo intitulado *Une volonté de mort* (Zaltzman, 2007b):

Em um primeiro momento, em meu trabalho sobre a pulsão anarquista, eu pensava que a tensão da necessidade (*le besoin*) [...], resistente para além de certo limiar de privação a todo substituto imaginário, isto é, ao engodo psíquico e a sua promessa de prazer, constituiria uma fonte de origem corporal, psiquicamente elaborável em uma atividade inconsciente radicalmente distinta da busca de auto-conservação e da busca de prazer por investimento objetual. Foi esquecer que no registro psíquico, a necessidade (*le besoin*) corporal, tal como seria definida por um biólogo, não tem sentido. Ou ainda, só tem sentido já psíquica, já interpretada, já tendo um conteúdo representativo e uma carga de afeto. (Zaltzman, 2007b, p.90)

Mas antes de avançarmos mais a frente na complexidade desse ponto sobre o objeto necessidade e sobre o que está para “além do princípio de prazer” – questão fundamental para a compreensão do que vem a ser a escuta particular desenvolvida por Zaltzman, e que está diretamente relacionada com sua releitura do conceito de pulsão de morte – é preciso vasculhar um pouco mais a referência clínica.

Pois bem, Sophie procura essa segunda análise porque seu filho David, com vinte anos de idade, está com um diagnóstico de leucemia, o que, segundo Katz (1995), constituía naquele tempo em, praticamente, uma sentença de morte. Frente à enfermidade, ao grande momento de sofrimento, e consciente que a expectativa de sobrevivência não ultrapassa os 25%, ele recusa-se a ver, falar ou estabelecer qualquer contato, direto ou indireto, com sua mãe. Assim, procurando se cuidar e enfrentar o complicado tratamento, ele rompe com ela já desde a sua primeira hospitalização. Sophie retorna à cena analítica ao reconhecer a legitimidade dessa vontade de seu filho: o seu movimento de “ruptura-privação-liberação” (Zaltzman, 2011, p.37).

No entanto, Sophie tinha um pensamento muito estranho que acompanhava essa atitude: apesar de saber que seu filho estava com médicos competentes, e que o tratamento complicado só se justificava pela gravidade da doença, ela temia o fato de que ele desconhecesse a sua enfermidade. Principalmente, era importante para ela que David pudesse saber o nome de sua doença e seu prognóstico para assim se curar.

Mas por quê essa aflição esquisita acompanhada da impressão de que para se curar seu filho precisava nomear o seu mal? Segundo Zaltzman, esse conflito entre saber o nome da doença e a possibilidade real da morte, entre a esperança da conservação da vida de David e sua eventual partida do reino dos vivos (ou melhor, da vida de Sophie), poderia ser explicado de forma metapsicológica ao se observar justamente a pressão interna da pulsão de morte atuando contra as forças eróticas que mantém unidos os laços entre mãe e filho. Segundo a autora, “a pulsão de morte trabalha em cada um deles para eliminar a negação da morte, negação mortífera por excelência”, mas “através do desejo que David saiba o nome de sua doença, Sophie luta contra sua própria recusa, tão compreensível, de nomeá-la” (Zaltzman, 2011, pp.37-38). Recusa não inteiramente assumida e, que embora não decorresse em um sintoma propriamente dito, resultava em um certo compromisso entre as forças pulsionais de morte e representações menos intoleráveis e que se repetiam em outras ocasiões da vida de Sophie.

Quando Sophie encara outros conteúdos relativos à inscrição inconsciente dos rebentos da pulsão de morte, lembra-se que o livreto de família guardado por ela após a morte de sua mãe não continha o registro de seu próprio nascimento. Ela havia perdido o documento do primeiro casamento de seus pais no qual constava esse registro importante para a vida em uma cidade ocidental. Anos depois de um divórcio, quando a mãe de Sophie fora abatida por uma grave doença, seus pais se casaram novamente para que o pai pudesse se tornar o provedor oficial tanto da filha quanto da mãe. Ou seja, seu pai, que já havia deixado a mãe, retornou apenas para assegurar as provisões materiais necessárias à sobrevivência dela. As razões deste casamento nunca haviam sido questionadas por Sophie a fundo até a análise com Zaltzman e, para a nossa surpresa, Sophie imaginava que com a morte de David ela iria deixar de perder seus documentos e papeladas administrativas. A autora destaca a culpabilidade dessa mulher ao conhecer tais pensamentos, e sua coragem não só em aceitar a barreira imposta por seu filho (a despeito do que a sociedade esperava), mas em reconhecer a ligação entre os sintomas familiares e antigos com uma ameaça de morte atual. A expectativa da queda de um sintoma menor frente a uma situação limítrofe de vida, a morte de seu filho amado, sugere uma história da pulsão de morte, por mais descontínua que seja.

Além disso, outras produções inconscientes, sonhos e sintomas, resistiam a serem elaborados a partir dos modelos de interpretação ligados à esfera libidinal e desenvolvidos na análise precedente, como uma certa invalidez para a escrita (que resistiu à análise anterior), e a ideia de que, se David lhe desse um neto antes de morrer, sua vida não enfrentaria um colapso.

O neto a manteria viva como o filho havia feito até então e, assim, “David, liberado dessa missão, não teria mais para desembaraçar-se dela, recorrer à morte, assegurar através de sua doença seu direito à mortalidade” (Zaltzman, 2011, p.41).

Era como se as forças eróticas da vida psíquica dessa mulher tivessem domesticado a pulsão de morte; e como se todos os efeitos desta, em sua disruptividade, destrutividade e agressividade, estivessem sob o domínio de um “amor totalitário” (Zaltzman, 2011, p. 48) presentes na relação edípica dessa mulher com seu filho. Tal arquitetura pulsional, diga-se de passagem, também era sustentada pelos modelos de interpretação desenvolvidos em sua primeira análise, que a levaram, bem ou mal, a reconhecer David como o filho incestuoso e a razão de sua vida, mas que não abarcavam certas dimensões de uma transferência estabelecida “sob o signo de uma ruptura iminente” (Zaltzman, 2011, p. 31). Mas se Sophie procura uma outra análise é porque, ameaçada em sua existência pela morte de seu filho, ela sentia a necessidade de ser escutada em seus pensamentos mais difíceis e menos tolerados pela sociedade. O trabalho analítico, longe de impor ordem à disjunção promovida pela pulsão de morte, deveria promover então a criação de representações psíquicas no lugar da materialização da morte (ou de sua iminência), operando na paciente o que o seu filho tentava realizar por conta de seu infortúnio: o desmanche do amor totalitário e o direito a viver e morrer.

Condizente com esse quadro clínico, Zaltzman defenderá uma prática e uma teoria psicanalítica que tivessem uma consideração maior pela escuta e pelas manifestações das pulsões de morte. O resultado seria um trabalho clínico não atento somente às vias edípicas do psiquismo – sinalizadas pelo desejo inconsciente, pela lógica do fantasma e fadadas a um labirinto imaginário de fantasias incestuosas – mas aberto à escuta da disjunção promovida por representações inconscientes da morte, tal como indica Katz (1995) e Hirt (2011). Portanto, “ali onde reina o império da pulsão de morte, ali onde ela luta para que o paciente viva e possa se desfazer das obrigações de amor que o destroem, o analista deveria poder sustentar o trabalho de liberação, ao invés de soterrá-la sob novas ligações” (Zaltzman, 2011, p.62).

Depois de quase três décadas, mesmo mantendo sua defesa de uma prática que não desdenhasse do que poderia ser apreendido de uma escuta clínica da pulsão de morte, Zaltzman (2007b) revisa suas elaborações sobre o que viriam a ser as representações inconscientes das pulsões de morte. Ela retoma a ideia freudiana de que não há propriamente uma representação ou figuralidade resultante direta do trabalho psíquico realizado por essa pulsão, já que ela tomaria de empréstimo as representações e as figuras utilizadas diretamente por Eros.

Entretanto, o que estaria em jogo nestas relações entre essas duas faces da pulsão é algo mais complexo, já que o predicativo “sem representação” da pulsão de morte não significaria falta de linguagem ou de representantes propriamente ditos inconscientes. “Sem representação” indicaria uma das características mais fundamentais da tendência pulsional tanática, a saber, que ela subjaz a “toda forma de rompimento em uma continuidade” (Zaltzman, 2007b, p. 89), seja ela uma continuidade de representações, de ideias, de pensamentos, seja ela toda sorte de percepções do próprio corpo e de suas zonas de apreciação imagética, percepções captadas pelas tramas de uma narrativa que silenciam a fala, mas deixam ao corpo a tarefa de manifestar suas vontades.

De fato, a psicanalista acaba selecionando, em sua série de observações sobre as pulsões de morte, certas manifestações que visam romper com o silêncio tanto das concepções quanto das práticas clínicas diante das moções tanáticas. Silêncio que produz inevitavelmente um estrangulamento dos conceitos e uma cristalização da noção de pulsão de morte entendida somente como o polo da agressividade. Isto é, existe uma relação entre a morte no psiquismo e uma função econômica e vital do desligamento, o que não seria a mesma coisa que certo esvaziamento energético em consonância unidimensional com o princípio do Nirvana (Freud, 1924/2007).

Além, obviamente, do cânone de textos freudianos envolvidos direta ou indiretamente na problemática da pulsão de morte – como Pulsões e destinos da pulsão (Freud, 1915/2004b), Além do princípio de prazer (Freud, 1920/2006), O problema econômico do masoquismo (Freud, 1924/2007) e O mal-estar na civilização (Freud, 1930/1996c) –, a equivalência entre pulsão de morte e desligamento se apoia, de fato, como indicam Beetschen (2011) e Figueiredo (1999), na leitura de um conhecido estudo metapsicológico de Jean Laplanche sobre os princípios econômicos, as pulsões e suas variâncias ao longo da obra de Freud, *Vie et mort en psychanalyse* (Laplanche, 1970). Nesse livro, o autor defende a ideia de que toda pulsão é em última instância sexual. Já a morte é sua parcela de energia livre, desligada e tendendo à descarga total, em direção ao zero absoluto, imaginado como uma tendência interna e fundamental da vida psíquica de retorno ao inanimado.

Com a intenção de esclarecer um pouco esta e outras fontes, das quais Nathalie Zaltzman partiu para elaborar a ideia de uma pulsão de morte anarquista, seguiremos as origens do argumento da autora.

A Pulsão de Morte: Disjunção e Necessidade

Quando Freud define a pulsão como um conceito referente ao “representante psíquico dos estímulos provenientes do interior do corpo em direção ao psiquismo” (Freud, 1915/2004b, p.148), ele tratava a ideia de energia psíquica como

correlata da sexualidade humana, fundamento etiológico da doença neurótica e infraestrutura, por assim dizer, da psicologia humana. Estivesse ela em sua forma erótica (libido) ou narcísica (pulsões do eu) (Freud, 1914/2004a).

Como Laplanche (1970) dá a entender, a diferença essencial entre a sexualidade humana e a esfera dos instintos⁴ habitaria justamente naquilo que desvia a pulsão ou a sexualidade da ordem vital ou de uma função fisiológica, se autonomizando em uma satisfação que não é necessariamente o cessar de uma necessidade. Assim, a relação a todo e qualquer objeto de satisfação será desvirtuada da gênese e determinação biológica do homem. Pensemos, por exemplo, no peito de onde o bebê retira seu alimento e que também é chupado por ele. O prazer desta última ação acaba por se autonomizar em relação à alimentação, a tal ponto de se deslocar do seio materno em direção à chupeta e assim por diante.

Mas em Além do princípio de prazer, Freud (1920/2006) questionará a dominância do princípio de prazer sobre a energia psíquica na vida mental do homem. Se a vida mental é conduzida à diminuição da tensão criada pela circulação desta energia, ou seja, da pulsão, por qual motivo então as pessoas passam a repetir e encenar momentos que, na sua origem, só causaram desprazer? Em consequência das clássicas observações clínicas sobre as neuroses de guerra, o jogo do carretel, a neurose de destino e a transferência negativa, a conclusão freudiana desemboca em uma especulação realizada a partir da constatação de que tais fenômenos não poderiam ser explicados tendo em vista somente a obtenção de prazer e a manutenção da vida [psíquica].

Dessa forma, Freud (1920/2006), em uma argumentação truncada, descreve primeiramente uma compulsão à repetição que “faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer” (Freud, 1920/2006, p.145), consciente ou não, indicando assim uma certa passividade na vivência do indivíduo, “só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade” (Freud, 1920/2006, p.147), do mesmo destino em desacordo com o princípio de prazer. Depois, ele leva o princípio de prazer até seu lado mais primitivo: a busca de um estado anterior. No limite, a ânsia representaria a tendência do orgânico de retorno ao inanimado e estaria desvinculado já da esfera do princípio do prazer, estando relacionado com o princípio do Nirvana (Freud, 1924/2007). Portanto, a tendência seria em direção a um prazer último, similar à morte e ao congelamento [à extinção] da excitação pulsional, e em permanente conflito com a busca de prazer erótico “almejando e realizando a renovação da vida” (Freud, 1924/2007, p. 168).

Consequentemente, Laplanche (1970) argumentará, por meio da noção freudiana de apoio (*étayage*) corporal, sobre uma espécie de segunda e mais radical desvinculação ou autonomização da matéria do psiquismo (a sexualidade) em relação à ordem biológica. Muito influenciado pela leitura de O problema econômico do masoquismo (Freud, 1924/2007), como bem descreve Figueiredo (1999), o estudo metapsicológico de Laplanche acaba localizando a morte como um princípio pulsional de retorno à característica mais fundamental da energia sexual: a crueza repetitiva da busca pelo prazer que visa se satisfazer de forma completa (fim da excitação) e independentemente do objeto e do outro (deflagrado por um primeiro tempo auto-reflexivo do destino pulsional, como no caso do masoquismo).

Logo, a pulsão jamais deixa de abrigar em si a marca sutil da possibilidade de sua satisfação ter sido total. Como se, ao “relembra-la”, através de deslocamentos possibilitados pelo outro, que salva o organismo do mundo externo e de seu próprio corpo sedento (Freud, 1950[1895]/2003), a verdadeira e radical independência do pulsional (a sexualidade) frente à ordem biológica estivesse no rompimento com a finalidade conservadora da repetição – que visa “novamente” o prazer, por meio de um processo de re-excitação, e não mais “enfim” o prazer.

O rompimento é paradoxal (pois não é completo) e vai sendo esquecido ao longo dos caminhos e desvios tomados pela sexualidade, ao se distanciar da causalidade biológica, fazendo essa mesma sexualidade (regida pelo princípio de prazer) se vincular ao plano da autoconservação, do princípio de realidade. Assim, o distanciamento da sexualidade acaba por resgatar a proximidade da pulsão com a ordem biológica ou vital, e com os limites entre o psíquico e o somático. No rastro dessa leitura da metapsicologia freudiana sobre a pulsão de morte, “Zaltzman desubstantializa então, como se deve, as noções de pulsão de vida e de pulsão de morte para se interessar sobretudo nos *movimentos* de ligação e de desligamento” (Scarfone, 2011, p. 118), dando às pulsões “um valor relativo e não um valor em si mesmas” (Ehrenberg, 2011, p. 125) e conferindo certa proximidade entre o movimento de desligamento e a ordem da necessidade. Citemo-la:

Logo que Tântos se revela, desmascarado de seu costumeiro adorno libidinal, ele se mostra sem cessar ocupado em percorrer outros relevos geográficos do corpo, dos *limiães* e dos graus de sua tolerância à privação, de sua resistência ao esforço, de sua provação de toda sorte de excesso (excesso de privação, excesso de consumação). São as pulsões de morte que inscrevem incansavelmente em pontilhados os territórios dos fantasmas do corpo e seus *limites biológicos*, intransponíveis (Zaltzman, 2011, p.44, grifo da autora).

Essa proximidade ou fronteira deve ser apreendida também pela já mencionada dupla valência objetual que David ocupava na economia psíquica de Sophie: a de objeto-necessidade e objeto-desejo. Lembrando a citação de Zaltzman

4 Usamos aqui, por força do argumento, a palavra instinto para significar a origem biológica dos comportamentos em contraposição à pulsão, desviada desta ordem de causalidade, digamos, natural.

(2007b) exposta algumas linhas acima, não seria possível se encontrar um objeto livre do registro do desejo, mesmo assim “é preciso que o analista não exclua do quadro da experiência analítica esta dimensão particular da vida psíquica onde a valência libidinal está momentaneamente eclipsada por uma valência bruta, que toma a forma de uma dimensão ‘material’” (Zaltzman, 2011, p. 27). Muito embora não coincidam, existem momentos em que a esfera da necessidade se desnuda no psiquismo, exibindo o limite nebuloso que existe entre a ordem subjetiva e a ordem natural.

Para melhor esclarecer essa questão é proveitoso observar um fragmento clínico apresentado por Zaltzman (2011), no qual o analisando, que ficara acamado e muito doente, clama incessantemente por uma xícara de chá de seu cuidador, uma xícara que é um objeto “testemunho de afeição, mas mais ainda um socorro físico materializado pela bebida” (Zaltzman, 2011, p. 43). Mas o chá é rejeitado por esse mesmo paciente justamente por dar testemunho de uma afeição que oculta a carência e a miséria físicas. Seu protesto se situa no limiar da vida e da morte, coincidindo com os limites do próprio corpo. A oferta de cuidado lhe ofende, pois esconde o caráter limite de experiências em que a destruição se apresenta de maneira iminente. Conclui-se daí que: “Cada vez que Tânatos ocupa o primeiro plano da cena psíquica, o objeto libidinal se impõe também como objeto de necessidade” (Zaltzman, 2011, p. 43).

Essa linha de raciocínio sobre a atividade tanática das pulsões e o plano da necessidade nas relações entre o Eu e o outro é fruto da interlocução de Zaltzman com Piera Aulagnier nos seminários de Sainte-Anne, entre 1978 e 1979, *Destinos do prazer: alienação, amor, paixão*. Ali, Aulagnier trabalha com a ideia de que a busca de prazer toma, a partir das configurações da relação entre o Eu e o outro, três destinos distintos: o amor (relação de simetria), a paixão e a alienação (relações assimétricas) (Aulagnier, 1985).

Os destinos presentes nas relações assimétricas apresentariam um imbricado funcionamento da economia psíquica em que o prazer (ou satisfação) buscado é da ordem da necessidade. Em outros termos, desenha-se aí uma procura pela experiência de um prazer mínimo, ligado à materialidade do corpo, que é possibilidade para a existência mesma do psiquismo e do prazer suficiente. O Eu, por conta dos problemas com o processo de identificação, ao se alienar ou se apaixonar pelo outro, estaria preso na esfera do investimento necessário – que se apresenta desde a primeira relação entre mãe e bebê, e se repete em todo outro vínculo – sem dar espaço à obtenção do prazer suficiente, que permitiria a troca de objetos e a instauração de uma relação de simetria entre o Eu e o Eu do outro.

O problema dessas relações de assimetria, em que o prazer se encaminha para um investimento possessivo e alienante, mas necessário para o psiquismo, estaria no fato de que “a escolha do objeto é mais obra de Tânatos que de Eros” (Aulagnier, 1985, p.157). Aulagnier não se aprofunda na conexão entre o domínio do necessário e a pulsão de morte, quem o faz é a própria Zaltzman. De acordo com Dominique Scarfone (2011), essa “reabilitação” da noção de necessidade em psicanálise promovida por Zaltzman (e por Aulagnier também), frente à insuficiência da noção de “falta” (*manque*), faz pensar em uma “vitalidade do sistema” imprescindível para a vida psíquica, pois “ter necessidades não é então ‘sentir falta de’, é estar simplesmente vivo e ter assim a capacidade de gozar a vida” (Scarfone, 2011, p.110).

Se nos voltarmos mais uma vez para as relações objetais entre Sophie e David, veremos que sua face erótica é exacerbada ao ponto de tornar “a morte em sua atualidade factual [...] mentalmente inassimilável” (Zaltzman, 2011, p. 45), o que fica em evidência pelo fato de Sophie, mesmo aceitando conscientemente a barreira imposta por David, não aceitar a separação insistindo para que ele nomeie sua doença. Sob grande pressão, as forças pulsionais tanáticas não terão outra saída senão buscar satisfação nas representações extrapsíquicas, como na ameaça mortífera de seu filho superestimado, e na materialidade do objeto que ao faltar, ao invés de permitir o movimento de desejo, pode significar a morte da própria Sophie; por isso, “o recurso aos limites do corpo”, pontuados pelo objeto em seu valor de necessidade, “é o único que resta às vezes a um sujeito para subtrair-se precisamente de um excesso da dominância mental do outro” (Zaltzman, 2011, p. 45).

Porém, para ser mais preciso, é David aquele que recorre diretamente a estes limiares como uma forma de dar destino aos produtos da pulsão de morte⁵, enquanto que Sophie, se o faz, é buscando novamente a análise como espaço de experimentação destes limites quase que ignorados no primeiro trabalho analítico: limites da pulsão, entre soma e psique, entre necessidade e desejo; limites entre vida e morte. Para Zaltzman, ao invés de direcionar o trabalho analítico exclusivamente para a interpretação, a experiência analítica também deveria permitir um destino para a vontade de morte, a disjunção pulsional, e não silenciar “o rompimento de toda continuidade” (Zaltzman, 2011, pp. 47-48). Muitas vezes, entretanto, pessoas como David, diferentemente de Sophie ou de quem vivencia em análise tal ânsia, se expõem mais ainda aos limites da própria vida, pois só fora da realidade intrapsíquica – diante da ameaça real de morte por conta de uma grave doença, pela exposição à extrema precariedade ou ao perigo – podem expiar suas forças internas “demoníacas” e retraçar a linha que divide o reino dos vivos daquele dos mortos.

Por essa razão, a autora irá apresentar outros fenômenos concernentes à “dimensão psíquica de sobrevivência” (Zaltzman, 2011, p.46); histórias que remetem a vivências daqueles limites em outros contextos extraclínicos nos quais os laços vitais (necessários), ligados à sobrevivência, estão em tamanha ameaça que a possibilidade mesma da existência de laços eróticos – logo, daquilo que sustenta a relação entre sujeitos distintos para além da esfera intrapsíquica – também

5 Que fique claro que não é a pulsão de morte a causa da doença, mas sim, que ela se utiliza dessa situação para ser descarregada.

estará comprometida, quando não simplesmente inacessível. A autora, em referência ao trabalho de Blanchot (1969), nomeia situações desse tipo como uma experiência-limite.

A Experiência-limite: Entre a Vida e a Morte e os Limites da Experiência Psíquica

Ao se expor à morte nas terras gélidas da região ártica, praticamente inabitáveis por conta da grande escassez de víveres, o caçador do Grande Norte põe abaixo a rígida regulamentação de sua tribo – que, diga-se de passagem, gera uma baixíssima taxa de consanguinidade – casando-se com uma de suas filhas e cometendo infanticídio diante da fome avassaladora que ameaça de perto a sobrevivência de cada indivíduo na tribo. “O assassinato antecipado é a chave da sobrevivência” (Zaltzman, 2011, p.68).

Mais ainda, em face de uma “destruição não erotizada, não erotizável” (Zaltzman, 2011, p.70), como a do campo de concentração da Alemanha nazista, o preso tem de resistir a um processo que faz dele “puro sujeito de necessidade” (Zaltzman, 2011, p.72). Ali, o indivíduo deve renunciar às ilusões, aos engodos, aos prazeres substitutivos e à solidariedade diante do outro. Para sobreviver, ele não tirará suas forças de um instinto⁶ de conservação da espécie, pois “às forças assassinas, só podem se opor forças tão radicalmente impiedosas” (Zaltzman, 2011, p.74). O perigo real e constante da morte precisa ser confrontado por forças também mortíferas capazes de reconhecer os limites do corpo.

Enquanto que, à luz do erotismo, a libido responderia pela figurabilidade, pelos ideais, pela tentativa de estabelecimento de laços entre os indivíduos “visando à possessão [...] à anexação” (Zaltzman, 2011, p.54) e pelo desejo, a pulsão de morte percorrerá os limiares descontínuos entre desejo e necessidade. Dessa maneira, é diante da luta pela sobrevivência, do excesso de privação – ou frente a uma obrigação de amor, como acontece com Sophie-David, ou frente às demandas cívicas dos governos totalitários de massas –, que o trabalho disjuntivo da morte na psique toma a via da luta pela sobrevivência, pela única escolha possível: a de estar vivo. Tal é a experiência psíquica dos limites do corpo e dos limites da consistência daquilo que se apresenta como realidade para o psiquismo.

Essa “exigência destruidora que arruína toda relação fixa” e toda “identidade unificadora” libera o indivíduo dos laços eróticos sufocantes e alimenta a capacidade dele enfrentar a morte com suas próprias forças – de tentar viver quando a vida lhe foi praticamente extirpada (Zaltzman, 2011, p. 53). E é por esse motivo que o texto em questão visa rever o funcionamento geral das pulsões de morte e seus destinos mortíferos, pois a pulsão anarquista é a manifestação da pulsão de morte que trabalha na luta pela sobrevivência, pela restituição da vida frente à uma situação limite onde a própria ordem vital está em jogo.

Serge Leclair (1977), em *Mata-se uma criança*, reflete sobre a paradoxal impossibilidade e exigência do trabalho, provocado pela pulsão de morte, de matar a criança que nos habita. Em termos metapsicológicos: sobre o ambíguo trabalho de desinvestimento da representação do narcisismo primário. Essa imagem da criança-tirano, fruto do desejo e lutos incompletos dos pais, é a representação do representante inconsciente do narcisismo primário, e é, para todos os fins, a duplicação da fantasia narcísica dos progenitores que se decantará no Eu ideal (Freud, 1914/2004). Acabar com tal criança – a Sua majestade – é delimitar um fim para a pretensa imortalidade que é depositada a um sujeito por seus pais. Uma imortalidade que interrompe a própria vida, já que é reflexo do narcisismo dos pais e assim, simultaneamente, a imagem congelada do desamparo e da dependência: uma imagem tabu e tirânica; eterna majestade e dependente.

Com o desenrolar da investigação sexual infantil, da “diferenciação entre o inanimado, que não é nem mortal nem imortal, e o vivo, que de imortal torna-se suscetível de mortalidade” (Zaltzman, 2011, p.39), a tendência ao inanimado presente na vida psíquica engendraria um conflito fundamental do sujeito com essa imagem carregada de investimentos narcísicos. Caso se deseje porventura traçar uma história verdadeiramente própria e singular é esse representante do narcisismo primário que deve ser confrontado, pois, caso contrário, se seus derivados não forem reconhecidos, o sujeito se encontrará em eterna dependência do outro (alienado) e incapaz de viver e morrer à sua maneira.

Dessa forma, o trabalho de Tánatos e sua força sobre a experiência psíquica de Sophie, em certa medida, insuportáveis para ela, exacerbados pela situação de David e inscritos por meio de representações anteriores da morte, acabam levando Sophie a procurar novamente a análise. Já o movimento de ruptura de David nos faz pensar que os passos da investigação infantil sobre a o animado e o inanimado são reatualizados de forma direta e concreta na busca do reconhecimento de sua mortalidade, e não recusados (ou resolvidos) sob a suposta garantia da eternidade de uma união e a fantasia de imortalidade relacionada ao representante narcísico, ao ideal. É nesse sentido que se pode falar que a pulsão de morte é não-figurável, pois sua atuação destrói as certezas e usurpa as garantias dadas pela relação erótica entre o eu e o outro ou pelo narcisismo (André, 2011; Chabert, 2011; Tysebaert, 2011).

6 Ver nota 4.

Não por acaso, o caçador do Grande Norte “sorriria se lhe falassem de heroísmo” (Zaltzman, 2011, p.65), já que seu comportamento solitário e de enfretamento da morte diante da caça feroz (o urso), menos do que reafirmar a si mesmo e sua vida, deve garantir a possibilidade de viver diante do reconhecimento da morte dada por certa. Ato que só é possível, em termos psíquicos – e não sociais nem meramente técnicos –, por causa da pulsão de morte, que ao invés de um destino destrutivo, sustenta uma implacável luta pela sobrevivência frente à ameaçadora falta de algo irremediavelmente necessário: o alimento. Ato correlato também de uma experiência interior em que as relações fixas e fixantes da alçada de Eros são levadas a seu inverso, em que os ideais e as fantasias são desalojados e desabrigados de uma posição de conforto. Tal é o quadro da experiência-limite.

Mas é preciso lembrar que essa noção foi, na verdade, desenvolvida por Maurice Blanchot (1969) em *L'expérience-limite*. Este quadro em que a realidade psíquica é tomada pela pulsão de morte anarquista, é tomado de empréstimo das considerações de Blanchot relativas às experiências de desmoronamento das figuras reguladoras do Homem, da Razão, da História, do Absoluto, presentes e personificadas em um diálogo, pela experiência interior deste, ou mesmo durante o processo de escrita. Como diz Blanchot, “o problema posto pela experiência limite no momento é [...] como o absoluto (sob a forma de totalidade) pode ele ser ainda ultrapassado?” (Blanchot, 1969, p.307). “Absoluto” que traduz a unidade de um projeto final de Homem, uma espécie de ideal humano projetado ao longo da história como se este já estivesse acabado e completo no horizonte de um pensamento negativo, dialético e crítico.

Para dar conta do que está em jogo quando essa figura reguladora do pensamento (e também personificação de uma pretensa razão histórica), o Absoluto, sofre uma tentativa de superação, Blanchot descreve sua impossibilidade. Tudo está previsto e já contabilizado por essa figura, mas é em sua indestrutibilidade que se vê surgir um “ínfimo interstício aberto” (Blanchot, 1969, p. 308), certo excesso, um erro. Não que se possa confundir tal excesso com uma perda de consciência ou mesmo com algo da singularidade, ou seja, do subjetivo não conservado no objeto e que continua assim como uma simples negação pura e final. O excesso se trata de algo não tangível à própria experiência consciente. Um excesso não possível de uma experiência não vivida, na qual “o pensamento pensa isso que não se deixa pensar!” (Blanchot, 1969, p.311). Assim, em oposição à figura reguladora unitária e finita do pensamento, a experiência-limite e o excesso que ela apresenta se remetem ao infinito e ao múltiplo.

Ao refletir sobre o caráter infinito presente no diálogo entre ele e seu amigo Georges Bataille, Blanchot (1969) desenvolve uma analogia entre a experiência-limite e o acaso do jogo de dados. O acaso serviria então para apresentar o caráter desmedido, incomensurável da experiência-limite. Como se além (ou aquém) do pensamento condicionado pelo Absoluto houvesse este infinito que nem mesmo o Logos matemático, exemplar de perfeição da palavra, pôde aprisionar em seus símbolos. Infinito de possibilidades do entredizer onde nada mais é proibido.

É a partir dessas ideias e das de Leclair (1977) que Zaltzman (2011) dá finalmente corpo ao movimento solitário e contestatório empreendido pela pulsão de morte no psiquismo, quando diante das obrigações mortíferas de amor impostas por um ideal e frente à ameaça de morte não dissipada pelas regulamentações sócio-culturais. Ora, o fato da pulsão de morte ser a matéria da qual se alimenta o psíquico a fim de enfrentar a própria morte, sem que o sujeito recorra às supostas medidas protetoras e totalitárias envolvidas na relação entre ele e o outro, é o que justificaria então o nome “anarquista” para essa destino específico das pulsões de morte. Nas palavras de Zaltzman:

Na experiência limite, relação entre *a fragilidade das razões para permanecer vivo e a indestrutibilidade delas*, a vontade individual de viver extraída da destruição encontra sua força de luta na ameaça de morte. Só a energia dissociativa da pulsão de morte pode propulsar o impulso libertário. [...] O impulso libertário é uma atividade antissocial como é antissocial a atividade da pulsão de morte. É, aliás, por sua antissocialidade que ela conserva, mesmo no pensamento analítico, seu halo demoníaco, trágico, terrorista. É ela e somente ela que possui, porém, sempre a força última de resistência contra a influência unificadora, ilusoriamente idílica, tranquilizadora e niveladora do amor ideológico. (Zaltzman, 2011, pp. 56-57, grifo da autora)

Essa força libertária da pulsão de morte seria a fonte dos comportamentos mais singulares e antidogmáticos dos indivíduos contra as forças gregárias e societárias de bases eróticas. Pelo menos é isto que faz acreditar a autora quando associa tais forças com a história do movimento anarquista. Ainda que o anarquismo nunca tenha tido uma unidade teórica, prática ou política, figurando entre os quadros de esquerda e os de direita, sua história revela uma constante: o fim de toda e qualquer relação de assimetria de poder, ou seja, o fim de toda autoridade (Guérin, 1976). De Piotr Kropotkin (1885/2005), com seu combate ao estatismo dentro da I Internacional, à Max Stirner (1844/2009), envolto em uma crítica ultra individualista tanto aos princípios liberais quanto aos socialistas, Zaltzman escolhe o anarquismo, porque ele supostamente “surge assim que toda forma de vida possível desaba” (Zaltzman, 2011, p.57).

Fica evidente que a potência da pulsão de morte em promover a vida não se articula apenas com situações nas quais o erotismo se tornou sufocador, mas que também se torna evidente em momentos nos quais as condições, seja lá por qual motivo, tornaram-se avessas à continuidade da vida. Qualquer acaso pode se tornar uma experiência-limite urgente. Mas o que faz, em termos psíquicos, com que alguns pereçam e outros consigam sobreviver ou até mesmo se rebelar diante

da perda de garantias? É no intervalo entre um erotismo sufocador e a ameaça de morte onde se encontra justamente essa resistência dos sobreviventes. É isso que entendemos da conexão entre a experiência limite e sua leitura teórico-clínica da pulsão de morte: quando Eros torna-se massificador, negar o halo demoníaco da pulsão de morte pode ser mortífero; como a outra face da moeda, o excesso de privação também arrasta o sujeito para o limite de uma angústia sufocante, momento quando não há mais heroísmo nem opções que não sejam tentar viver ou se deixar morrer.

Apontamentos Finais

No cerne deste trabalho está a questão da cooptação mortífera dos indivíduos por certos vínculos eróticos que os relegam, quase que por completo, em sua subjetividade, em sua singularidade, a fim de realizarem seus imperativos absolutistas. Diversas veredas reflexivas se abrem com o aproximar dessa questão e aqui foi importante o destaque ao papel que a pulsão de morte desempenha nas situações clínicas que Zaltzman relata e nas experiências-limite como um todo.

Achamos prudente evitar que a dimensão política e a dimensão psicológica se sobrepujem. Assim, o ímpeto anarquista nas vanguardas dos movimentos políticos libertários, ou em simples revoltas, não deve ser reduzido ou igualado à emergência da pulsão anarquista na esfera subjetiva. Consideramos, pelo contrário, que existe uma validade em se discutir como a sociedade massificada pode levar os sujeitos à uma experiência-limite, um extremo alcançado exatamente por uma coesão forçada e administrada no nível do Ideal. Nesses momentos em que paradoxalmente o que impera é a exceção, ou seja, tornar o que é um ato político em crime, e seus praticantes em terroristas ou em não-humanos, monstros (Stirner, 1844/2009). Embora Freud não fale diretamente da pulsão de morte no seu modelo de psicologia das massas, será que a expulsão ou denegação da pulsão de morte, transformada em agressividade contra o estranho (Freud, 1921/1996b), favorece o conluio de Eros com uma sociedade hipnotizada pelos seus ideais?

Quiçá a pulsão anarquista (Zaltzman, 2011) não seja suficiente para empreender um estudo que contemple todos os aspectos da questão. Sua maior importância teórica e clínica é a tarefa de dar contorno e destinos diversos à noção polissêmica de pulsão de morte, novas considerações que não se encaixam muito bem nas definições clássicas freudianas (e suas várias interpretações). A sua implicação política mais do que evidente é o aspecto subterrâneo de sua força argumentativa: a pulsão anarquista se mostra como o reconhecimento de um último recurso subjetivo para a sobrevivência do indivíduo acachapado por forças colossais da morte ou do amor gregário.

Referências

- André, J. (2011). La vie sans filet. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 11-14). Paris: Presses Universitaires de France.
- Assoun, P.-L. (2007). *Psychoanalyse (Quadriga)*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Assoun, P.-L. (2012). *Freud e as ciências sociais: Psicanálise e teoria da cultura* (2a ed.). São Paulo: Ed. Loyola.
- Aulagnier, P. (1985). *Destinos do prazer: Alienação, amor, paixão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Beetschen, A. (2011). Le défi de la déliaison. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 141-156). Paris: Presses Universitaires de France.
- Blanchot, M. (1969). L'expérience-limite. In M. Blanchot, *L'entretien infini* (pp. 117-418). Paris: Gallimard.
- Chabert, C. (2011). Um mot qui dérange. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 213-223). Paris: Presses Universitaires de France.
- Cohn, J. (2010). Sex and the anarchist unconscious: A brief history. *Sexualities*, 13(4), 413-431.
- Ehrenberg, C. (2011). Les pulsions de mort, auxiliaires de vie. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 125-139). Paris: Presses Universitaires de France.

- Figueiredo, L. C. (1999). As leituras sistemáticas (ou nem tanto) de Além do princípio de prazer. In L. C. Figueiredo, *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (pp. 27-49). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1996a). O interesse científico da psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 165-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1996b). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1996c). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 73-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (1996d). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol., 22, pp. 12-177). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (2003). Entwurf einer Psychologie (O. F. Gabbi Jr, Trad.). In O. F. Gabbi Jr, *Notas a projeto de uma psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise* (pp. 171-260). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2004a). À guisa de introdução ao narcisismo. In L. A. Hanns (Coord.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2004b). Pulsões e destinos da pulsão. In L. A. Hanns (Coord.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In L. A. Hanns (Coord.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 121-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (2007). O problema econômico do masoquismo. In L. A. Hanns, (Coord.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp.103-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1924).
- Guarnieri, R (2011). Nathalie Zaltzman: une pensée anarchiste à l'épreuve de l'histoire. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 157-171). Paris: Presses Universitaires de France.
- Guérin, D. (1976). *L'anarchisme (Idées)*. Paris: Gallimard.
- Gross, O. (1919). Protest and Morality in the Unconscious. *International Otto Gross Society*. (Link)
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Heuer, G. (2001). Jung's twin brother. *Journal of Analytical Psychology*, 46(4), 655-688.
- Herman, E. (1992). The competition: psychoanalysis, its feminist interpreters and the idea of sexual freedom 1910-1930. *Free Associations*, 3, 391-437.
- Hirt, J.-M. (2011). Une blessure sans dictame. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 173-188). Paris: Presses Universitaires de France.
- Katz, C. (1995). Comunicação: Conjunção-disjunção. In E. Kosovski (Org.), *Ética na comunicação* (pp.59-91). Rio de

Janeiro: Mauad.

- Kropotkin, P. A. (2005). *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário. (Trabalho originalmente publicado em 1885).
- Laplanche, J. (1970). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Flammarion.
- Leclaire, S. (1977). *Mata-se uma criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Scarfone, D. (2011). Besoin, emprise, « régression » et anarchie. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 105-123). Paris: Presses Universitaires de France.
- Souza, P. C. (2010). *As Palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stirner, M. (2009). *O único e a sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1844).
- Tysebaert, E. (2011). Tremper sa plume dans la vie. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 81-104). Paris: Presses Universitaires de France.
- Zaltzman, N. (1999a). *La résistance de l'humain*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Zaltzman, N. (1999b). *De la guérison psychanalytique* (2a ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Zaltzman, N. (2007a). *L'esprit du mal*. Paris: Éditions de l'Olivier.
- Zaltzman, N. (2007b). Une volonté de mort. *Topique*, 100, 85-102.
- Zaltzman, N. (2011). La pulsion anarchiste. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, & J-M. Hirt, *Psyché anarchiste* (pp. 15-78). Paris: Presses Universitaires de France.

Endereço para correspondência

José Henrique Parra Palumbo
Email: jhparrap@gmail.com

Paulo Emílio Pessoa Lustosa Cabral
Email: pelcabral@gmail.com

Recebido em: 21/12/2015

Revisado em: 29/07/2016

Aceito em: 31/08/2016